

ARTIGO DE ATUALIZAÇÃO

Fitoterapia como prática integral em saúde: uma reflexão para a enfermagem

Phytotherapy as an integral practice in health: a reflection for nursing

Fitoterapia como práctica integral en salud: una reflexión para la enfermería

Gabriele SCHEK¹, Gabriela Barcelos DELPINO², Josiane Santos PALMA³, Rita Maria HECK⁴, Rosa Lía BARBIERI⁵

RESUMO

O objetivo deste estudo é apresentar conceitos, analisar e discutir a inserção da Fitoterapia como uma prática integral de saúde e suas contribuições para a enfermagem. Para prestar uma ação integral em saúde é necessário repensar a dinâmica que envolve o processo saúde/doença dentro das relações sociais dos indivíduos, revogando a visão reducionista do processo saúde/doença, recuperando o significado do indivíduo em sua singularidade e subjetividade na relação com os outros e com o mundo. A integralidade configura-se na prática complementar de saúde, que permite assistir a população de uma forma holística, respeitando suas crenças, observando o ambiente em que vivem e identificando novas terapêuticas, a exemplo da fitoterapia. A visão integral em saúde contribui para as decisões e ações profissionais, ajudando os indivíduos a reorganizar ou modificar seu estilo de vida visando à implementação de novos cuidados em saúde, incentivando as práticas complementares de saúde, como o caso da Fitoterapia.

Descritores: Fitoterapia; Enfermagem; Assistência integral à saúde.

ABSTRACT

This study aims to present concepts, analyze and discuss the inclusion of phytotherapy as an integral practice of health and its contributions for nursing. To provide an integral practice in health is necessary rethink the dynamics related to health/disease process within the social relations of people, repealing the reductionist view of health/disease process, recovering the meaning of the individual and their uniqueness and subjectivity in relation to others and to the world. The integrality is the complementary health practice that allows to care people in a holistic way, respecting their beliefs, observing the environment in which they live and identifying new therapies, as phytotherapy. The integral vision of health contributes to the professional actions and decisions, helping individuals to reorganize or change their lifestyle in order to implement new health care, and encouraging complementary health practices, as the case of herbal medicine.

Descriptors: Phytotherapy; Nursing; Comprehensive health care.

¹ Enfermeira. Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Enfermagem da FURG. E-mail: gabischek@hotmail.com

² Enfermeira. Mestre em Ciências pela UFPel. Especialista em Saúde Pública pela UFRGS. E-mail: gabrielaenf@hotmail.com

³ Enfermeira. Doutoranda em Enfermagem do Programa de Pós Graduação em Enfermagem da UFPel. E-mail: josiane.enfermeira@hotmail.com

⁴ Doutora em Enfermagem. Docente permanente do Programa de Pós Graduação em Enfermagem da UFPel. E-mail: heckpillon@yahoo.com.br

⁵ Doutora em Biologia Molecular, Pesquisadora da Embrapa Clima Temperado. E-mail: barbieri@cpact.embrapa.br

RESUMEN

El objetivo de este estudio es presentar los conceptos, analizar y discutir la inclusión de la Fitoterapia como una práctica integral de salud y sus contribuciones para la enfermería. Para prestar una acción integral en salud se hace necesario repensar la dinámica que implica al proceso salud / enfermedad dentro de las relaciones sociales de los individuos, mediante la revocación de la visión reduccionista del proceso salud / enfermedad, con la recuperación del sentido del individuo en su singularidad y subjetividad en la relación con los demás y con el mundo. La integralidad se configura en la práctica complementaria de salud, que permite atender a la población de una forma holística, respetando sus creencias, observando el ambiente en que viven y identificando nuevas terapias, como la Fitoterapia. La visión integral en salud contribuye para las decisiones y las acciones profesionales, ayudando los individuos a reorganizar o cambiar su estilo de vida, visando a la aplicación de nuevos cuidados en salud, mediante el fomento de prácticas complementarias de salud, como el caso de la Fitoterapia.

Descriptores: Fitoterapia; Enfermería; Atención integral de salud.

INTRODUÇÃO

As mudanças políticas e econômicas ocorridas nas décadas de 1970 e 1980 contribuíram para o enfraquecimento do modelo biomédico. O processo de redemocratização do Brasil estabeleceu novos rumos para as políticas públicas e fez surgir novos atores sociais que propunham um novo modelo de atenção à saúde.¹

O chamado modelo biomédico, que constituiu o alicerce conceitual da moderna medicina científica, considera o corpo humano uma máquina que pode ser analisada em termos de suas peças e a doença é vista como o mau funcionamento dos mecanismos biológicos. O papel dos profissionais de saúde é intervir, física ou quimicamente, para consertar o defeito no funcionamento do mecanismo.²

Esta concepção começou a mudar a partir da VIII Conferência Nacional de Saúde ocorrida no Brasil, em março de 1986, na qual se lançam as bases doutrinárias de um novo

Sistema de Saúde. Esta Conferência teve desdobramentos imediatos em um conjunto de trabalhos técnicos e encaminhamentos políticos que serviram de alicerce à elaboração da Seção da Saúde da Constituição Federal de 1988.¹ A Constituição reconheceu muitos direitos de cidadania com a criação do Sistema Único de Saúde (SUS), destacando a integralidade enquanto uma de suas diretrizes básicas entendida como o atendimento integral ao usuário, priorizando atividades preventivas, sem prejuízo dos serviços assistenciais de cunho curativo.³

Atuar sob o aspecto da integralidade envolve uma pluralidade de ações que, contemplam o apresar as necessidades de saúde do indivíduo e a análise do seu significado, bem como as ofertas que possam responder às necessidades, tendo em vista o contexto do encontro entre este e o profissional de saúde.⁴ Ao refletir-se sobre integralidade, percebe-se que para prestar uma ação integral em

saúde é necessário repensar a dinâmica que envolve o processo saúde/doença dentro das relações sociais dos indivíduos.

As práticas complementares em saúde, conhecidas durante muito tempo como práticas terapêuticas alternativas no tratamento dos indivíduos, têm indicação de serem incorporadas progressivamente à organização da prestação de assistência médica à população.⁵ No interstício desse movimento em busca da integralidade do cuidado, as práticas complementares em saúde a exemplo da fitoterapia, acupuntura, homeopatia, crenoterapia e medicina antroposófica contemporaneamente se apresentam em políticas públicas.⁶

O presente artigo consiste numa reflexão sobre a integralidade no âmbito da enfermagem. Desse modo, o objetivo é apresentar conceitos, analisar e discutir a inserção da Fitoterapia como uma prática integral de saúde e suas contribuições para a enfermagem.

METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão de literatura com a percepção das autoras a respeito da temática abordada. A obtenção dos dados realizou-se por meio da pesquisa de capítulos de livros e artigos que discutem a integralidade em saúde articulando com a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS (PNPIC-SUS) do Ministério da Saúde. A revisão de

literatura foi realizada no período de março a junho de 2011.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A integralidade pode ser entendida como uma ação social através da interação democrática entre sujeitos, reconhecendo diferentes saberes e dialogando em busca de uma prática de cuidado integral. Faz parte da integralidade no cuidado a escuta, o acolhimento, o tratamento digno e respeitoso, olhar o ser humano como um todo, substituir o foco da doença pela atenção à pessoa, como sua história de vida seu modo próprio de viver, adoecer e de exercer o cuidado.⁵

A integralidade na atenção à saúde passa ser uma ferramenta indispensável para um maior entendimento e para a formulação de ações que atendam realmente as necessidades dos indivíduos perante o processo saúde/doença, visto ser este um processo muito dinâmico.

As origens do debate sobre integralidade em saúde datam de 1960, época em que se questionavam e se criticavam as atitudes fragmentadas no ensino médico adotadas pelas escolas de medicina nos Estados Unidos.⁵ Na formação médica e suas especialidades existe a forte tendência em recortar o corpo de acordo com o funcionamento de seus sistemas ou aparelhos, desviando o olhar da totalidade dos indivíduos. Como resultado desta fragmentação, o conhecimento médico e dos demais profissionais de saúde tende a se

reduzir às dimensões exclusivamente biológicas, em detrimento das considerações psicológicas e sociais acerca do indivíduo e do processo de adoecer.⁵

Cronologicamente nas políticas públicas de saúde no Brasil, a expectativa da descontinuidade da fragmentação do indivíduo surge na VIII Conferência Nacional de Saúde, recomendando a introdução de práticas de cuidado que possibilitassem ao usuário o acesso democrático de escolher a terapêutica preferida.⁷

Ocorrida na segunda metade da década de 1980, a VIII Conferência Nacional de Saúde foi o marco inicial para a Política Nacional das Terapias Integrativas e Complementares (PNPIC) no sistema de saúde do Brasil. Já em 1996, a X Conferência Nacional de Saúde aprovou a incorporação ao SUS de práticas de saúde como a Fitoterapia.⁸ Também incentivou a assistência farmacêutica pública e a elaboração de normas para sua utilização.⁷

Ao definir integralidade, a primeira ideia a ser formulada é a de que esta integra as diretrizes básicas do SUS, instituído pela Constituição de 1988. A integralidade não é apenas uma diretriz do SUS, ela é uma bandeira de luta, um enunciado de certas características do sistema de saúde, de suas instituições e de suas práticas que são consideradas desejáveis por alguns como um conjunto de valores pelos quais vale à pena lutar, pois se relacionam a um

ideal de uma sociedade mais justa e mais solidária.⁵

As terapias complementares apresentam um enfoque sistêmico ao indivíduo, na qual a atenção é voltada para o estilo de vida do usuário, suas relações sociais, seu estado emocional, sua alimentação, ocorrendo um processo de interação entre o profissional e o usuário, na busca pela assistência integral.⁹

A integralidade assume uma definição legal relacionada à integração dos atos preventivos, curativos, individuais e coletivos, nos diferentes níveis de complexidade situados em cada caso.¹⁰ Entretanto, parte da integralidade em saúde está vinculada aos profissionais de saúde, atuantes sejam na atenção básica, como nos demais níveis de atenção. São eles que, através de suas condutas permitem ou não que o indivíduo se expresse como um ser único, com suas crenças, culturas e saberes.

Uma vez ofertada pelo SUS, cabe refletirmos de que maneira a Fitoterapia enquanto prática complementar contribui para a integralidade em saúde, e como se desenvolve a atuação dos profissionais de enfermagem na concretização de ações integrais em saúde.

No que tange à Enfermagem, os enfermeiros amparados pela legislação podem orientar os usuários interessados em utilizar a Fitoterapia. O conhecimento sobre essa possibilidade de tratamento complementar precisa estar

respaldado em bases científicas. O enfermeiro também atua como educador em saúde, tendo a possibilidade de orientar os usuários quanto à utilização do método mais adequado e o cuidado necessário à sua saúde.

A integralidade se revela em uma prática na qual as relações entre os sujeitos são acolhedoras, humanas, de empatia e confiança, dentro de uma dimensão dialógica. Nesse aspecto, a escuta das necessidades do usuário tem importância enquanto expressão de individualidade e singularidade, fazendo parte dos projetos terapêuticos considerando o contexto e a cultura do indivíduo. Numa perspectiva holística, este tipo de relação aproxima profissional e usuários. Esta forma de conduzir o processo de trabalho e a organização do modelo assistencial pode levar, além da satisfação do usuário e da efetividade das ações, a contribuição para a operacionalização do ideal regulador da integralidade e do SUS.¹¹

Especialmente a Fitoterapia, está fundamentada em saberes populares de senso comum, em conhecimentos repassados através de gerações e que se mantém até os dias de hoje no cuidado dos indivíduos. No cuidado integral em saúde, a visão a respeito dos conceitos de saúde/doença tem de ser ampliada, facilitando a utilização dos saberes populares em saúde em benefício dos indivíduos.

A Fitoterapia é por definição uma prática terapêutica caracterizada

pelo uso de plantas medicinais em suas diferentes formas farmacêuticas, sem a utilização de substâncias ativas isoladas, ainda que de origem vegetal.⁶ Ela incorpora um conjunto de atitudes, valores e crenças que constituem uma filosofia de vida e não meramente uma porção de remédios. Apesar de ser considerada uma prática tradicional, existem vários estudos que comprovam sua ação terapêutica para uma parcela significativa da população, podendo atender a várias demandas dos serviços de saúde.¹²

Com toda a diversidade cultural brasileira, diferentes conhecimentos e práticas são incorporados pelos indivíduos e utilizados na procura por uma melhor qualidade de vida, na busca pela cura, pelo tratamento e pela prevenção de agravos de saúde. Essas práticas trazem benefícios como a diminuição com gastos em medicamentos, maior adesão aos tratamentos e valorização da cultura.¹³ Além da diversidade cultural, nosso país detém a maior biodiversidade vegetal do planeta, dispondo de algo entre 60 a 250 mil espécies vegetais sendo, provavelmente, cerca de 40% delas são medicinais.^{6,14}

Através da valorização de ações integrais em saúde é possível entender a inserção da Fitoterapia como prática integrativa em saúde, onde o saber popular é utilizado em prol da saúde, numa forma de valorizar as diferentes culturas, os diferentes saberes e os diferentes agir no processo saúde/doença.

Entende-se como cuidado integral aquele em que os profissionais de saúde conheçam o espaço dos indivíduos, a dinâmica da sociedade em que estes e ⁴⁵⁷ inseridos, suas particularidades, sua cultura, crenças, religião, etnias e hábitos relacionados à saúde presentes em seu cotidiano. Entretanto, percebe-se que algumas ações em saúde distanciam-se da integralidade da atenção. A medicina como a classe que dita a conduta terapêutica, deve-se atentar às necessidades do paciente, independente de sua capacidade econômica em adquirir a terapêutica prescrita.⁵ Antes de indicar a conduta terapêutica a ser seguida, é fundamental expor ao indivíduo o que esta conduta implicará em suas questões econômicas e culturais.

Uma forma de se buscar a integralidade é manter o indivíduo presente no seu cuidado, acolhendo suas dúvidas e principalmente respeitando seus saberes e suas práticas, revertendo assim em uma nova possibilidade terapêutica. Talvez um dos princípios fundamentais para uma maior compreensão e uma maior valorização das práticas complementares em saúde, em específico a Fitoterapia seja estabelecer a relação que a sociedade ocidental possui com essas práticas. O saber ocidental tem prazer em maltratar o senso comum, diferentemente da cultura oriental que se beneficia de valores culturais, fazendo com que seu agir possa tornar-se mais sensível e integral.⁵

Sob essa ótica, é essencial ao enfermeiro conhecer o contexto em que indivíduos, famílias e sociedade estão inseridas para compreender os significados que existem por trás dos rituais e costumes, pois eles exercem grande influência nas concepções e práticas de cuidado em saúde. Através deste entendimento, o enfermeiro poderá descobrir o melhor caminho para desenvolver a prática profissional de caráter humanístico e congruente com a cultura.¹⁵ À enfermagem se propõe uma visão holística no cuidado humano, contrapondo-se ao cuidado clínico centrado no modelo biomédico, que reforça a cura do corpo fragmentado.

Saber escutar e fazer com que o outro escute, no sentido de ver o estado das coisas, é conceber que o mundo funcione de outras formas, sempre atualizadas. A sutileza, a sensibilidade, os sentidos, quando recuperados com o objetivo de auxiliar nas transformações necessárias à melhoria da qualidade de vida às populações, pode permitir uma conjunção essencial entre sujeito e ação.⁵

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para entender a integralidade como uma ação importante e fundamental nas ações de saúde é necessário revogar a visão reducionista do processo saúde/doença, recuperando o significado do indivíduo em sua singularidade e subjetividade na relação com os outros e com o mundo. Aceitar a cultura como parte

integrante do processo saúde/doença dos indivíduos é aceitar outras formas de cuidado, colocando o indivíduo como parte integrante no seu processo de tratamento ou cura.

Se entendidas e respeitadas, terapias complementares como a Fitoterapia, podem representar um conjunto de práticas importantes utilizadas na prevenção, tratamento e na cura de algumas doenças. Apesar desses conhecimentos já existirem há muitos anos no âmbito social dos indivíduos, eles parecem ser menosprezados e pouco investigados durante o cuidado clínico à população, ocorrendo uma descontinuidade da visão integral do atendimento a saúde.

A visão integral em saúde contribui para as decisões e ações profissionais, ajudando os indivíduos a reorganizar ou modificar seu estilo de vida visando à implementação de novos cuidados em saúde, incentivando as práticas complementares de saúde, como o caso da Fitoterapia. Neste sentido, o enfermeiro necessita entender o universo dos indivíduos, compreendendo os valores e as crenças de cada um, aprendendo as diferentes formas de cuidado e desta forma caminhando na tentativa do atendimento integral em saúde.

REFERÊNCIAS

1. Ministério da Saúde (BR). Conselho Nacional de Secretários de Saúde. SUS - 20 anos. Brasília: CONASS; 2009.
2. Capra F. O ponto de mutação. São Paulo: Cultrix; 1988.
3. Ministério da Saúde (BR). Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 05 de outubro de 1988. Organização do texto: Juarez de Oliveira. 4ª ed. São Paulo: Saraiva, 1990.
4. Mattos RA. A integralidade na prática (ou sobre a prática da integralidade). Cad saude publica. 2004 set/out;20(5):1411-6.
5. Mattos RA. Os sentidos da integralidade: algumas reflexões acerca dos valores que merecem ser defendidos. In: Pinheiro R, Mattos RA. Os sentidos da integralidade. Rio de Janeiro: IMS/UERJ/ABRASCO; 2006. p. 41-63.
6. Ministério da Saúde (BR). Secretaria de Atenção a Saúde. Departamento de Atenção Básica. Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS-PNPIC-SUS. Brasília; 2006.
7. Ministério da Saúde (BR). Relatório da VIII Conferência Nacional de Saúde. [Internet]. [acesso 2011 jul 20]. Disponível em: http://portal.saude.gov.br/portal/sau de/cidadao/area.cfm?id_area=1124
8. Ministério da Saúde (BR). Relatório da X Conferência Nacional de Saúde. [Internet] [acesso em 2011 jul 20]. Disponível em: http://portal.saude.gov.br/portal/sau de/cidadao/area.cfm?id_area=1126
9. Ceolin T. Conhecimento sobre plantas medicinais entre agricultores de base ecológica da região do Sul do

Rio Grande do Sul. [dissertação]. Pelotas (RS): Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas; 2009.

Data da submissão: 2011-08-05

Aceito: 2012-05-10

Publicação: 2012-12-20

10. Kantorski LP, Jardim VMR, Coimbra VCC, Oliveira MM, Heck RM. A integralidade da atenção a saúde na perspectiva da gestão no município. Texto & contexto enferm. 2006 jun/set;15(3):434-41.

11. Beherrgaray LR, Gerhardt TE. A integralidade no cuidado a saúde materno-infantil em um contexto rural: um relato de experiência. Saude soc. 2010 jan/mar;19(1):201-12.

12. Tomazzoni MI, Negrelle RRB, Centa ML. Fitoterapia popular: a busca instrumental enquanto prática terapêutica. Texto & contexto enferm. 2006 jan/mar;15(1):115-21.

13. Kulkamp IC, Burin GD, Souza MHM, Silva P, Piovezan AP. Aceitação de práticas não convencionais em saúde por estudantes de medicina da Universidade do Sul de Santa Catarina. Rev bras educ med. 2007 set/dez;31(3):229-35.

14. Sevigani A, Jacomassi E. Levantamento de plantas medicinais e suas aplicações na Vila Rural "Serra dos Dourados" - Umuarama - PR. Arq cienc saúde Unipar. 2003 jan/abr;7(1):27-31.

15. Leininger M. Culture care diversity and universality: a theory of nursing. New York: National League for Nursing Press; 1991.